

Artigo:

Representações sociais da paternidade rural e a educação no campo: desafios e perspectivas

Social representations of rural fatherhood and education in the countryside: challenges and perspectives

Representaciones sociales de la paternidad rural y la educación rural: desafíos y perspectivas



BARROS, A.

Atila Barros

Docente em Tecnologias da Informação e Eletrônica (UNESA-RJ). Coordenador e docente dos Cursos de Especialização (Lato Sensu), MBA e Pós-Graduação em Inteligência Artificial e Gestão do Conhecimento (FESAV-ES). Mestrado em Educação (UNESA-RJ). MBA em Data Warehouse e Business Intelligence (FI - PR). Pós-Graduado em Engenharia de Software, Antropologia, Filosofia e Educação no Campo (FAVENI-MG). Historiador pela Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU-SP). e-mail: atilafmusp@gmail.com

Resumo

Este artigo explora as representações sociais da paternidade no campo e os desafios e perspectivas sobre a educação em escolas no campo, com foco em um estudo de caso na região de Salinas, localizada no 3º distrito de Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Através de entrevistas semiestruturadas com agricultores que têm filhos adolescentes em idade escolar, investigamos suas visões sobre o papel paterno na educação dos filhos, a qualidade da educação oferecida, as infraestruturas das escolas e as expectativas para o futuro dos filhos. Os resultados indicam que os pais reconhecem a importância de sua participação ativa na vida escolar dos filhos, mas expressam preocupações com a qualidade do ensino. Ainda, destacam a necessidade de um currículo mais contextualizado e a valorização da cultura local. O estudo ressalta a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a educação no campo, promovendo a qualidade do ensino, a participação dos pais e o engajamento da comunidade.

Palavras-chave: Educação no Campo. Percepções. Paternidade. Representações Sociais.

Ets Educare

Revista de Educação e Ensino

Educare et Sabere

e-ISSN: 2965-4165

Periodicidade: Fluxo Contínuo

n.2, v.2, 2024

URL: <https://esabere.com/index.php/educare>



Esta obra está sob Licença Internacional Creative Commons 4.0.
Copyright (c) do(s) Autor(es)

Abstract

This article explores the social representations of fatherhood in rural areas and the challenges and perspectives regarding education in rural schools, focusing on a case study in the Salinas region, located in the 3rd district of Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Through semi-structured interviews with farmers who have school-age adolescent children, we investigate their views on the paternal role in their children's education, the quality of education provided, school infrastructure, and expectations for their children's future. The results indicate that fathers recognize the importance of their active involvement in their children's school life but express concerns about the quality of teaching. Furthermore, they emphasize the need for a more contextualized curriculum and the valorization of local culture. The study highlights the need for public policies that strengthen education in rural areas, promoting the quality of teaching, parental involvement, and community engagement.

Keywords: Rural Education. Perceptions. Fatherhood. Social Representations.

Resumen

Este artículo explora las representaciones sociales de la paternidad en el campo y los desafíos y perspectivas sobre la educación en las escuelas rurales, centrándose en un estudio de caso en la región de Salinas, ubicada en el 3er distrito de Nova Friburgo, Río de Janeiro. A través de entrevistas semiestructuradas con agricultores que tienen hijos adolescentes en edad escolar, investigamos sus puntos de vista sobre el papel paterno en la educación de sus hijos, la calidad de la educación ofrecida, la infraestructura escolar y las expectativas para el futuro de sus hijos. Los resultados indican que los padres reconocen la importancia de su participación activa en la vida escolar de sus hijos, pero expresan preocupaciones sobre la calidad de la enseñanza. Además, destacan la necesidad de un plan de estudios más contextualizado y la valoración de la cultura local. El estudio destaca la necesidad de políticas públicas que fortalezcan la educación en el campo, promoviendo la calidad de la enseñanza, la participación de los padres y el compromiso comunitario.

Palabras clave: Educación Rural. Percepciones. Paternidad. Representaciones Sociales.

INTRODUÇÃO

A educação no campo desempenha um papel imprescindível no desenvolvimento social e econômico das comunidades rurais. Para essas populações, a escola não é apenas um espaço de aprendizado formal, mas um ponto central de integração social, cultura e transmissão de valores que refletem a realidade local. Contudo, as escolas no campo frequentemente enfrentam inúmeros desafios que dificultam o pleno desenvolvimento educacional de seus alunos.

Entre os principais obstáculos está a descontextualização dos currículos escolares. O material didático e os conteúdos ensinados frequentemente não refletem a realidade das comunidades rurais, resultando em uma educação que parece distante e irrelevante para os alunos. Esse descompasso entre a educação oferecida e a realidade vivida pelos estudantes pode levar a um desinteresse pelo aprendizado e, em muitos casos, ao abandono escolar.

Para entender melhor essas questões, este estudo adota a Teoria das Representações Sociais como arcabouço teórico. Proposta por Serge Moscovici, a teoria das representações sociais oferece uma lente através da qual podemos examinar como os indivíduos e grupos constroem e compartilham significados sobre fenômenos sociais, como a educação. As representações sociais são formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas que contribuem para a construção de uma realidade comum. Elas auxiliam a moldar atitudes, práticas e comportamentos dentro de um grupo social (Moscovici, 2012).

Diante desse cenário, compreender as percepções dos pais de alunos sobre a educação nas escolas no campo torna-se uma tarefa significativa. Os pais, especialmente os que trabalham na agricultura e outras atividades rurais, desempenham um papel essencial no apoio à educação de seus filhos. Suas expectativas, preocupações e experiências refletem as representações sociais construídas em torno da educação no contexto rural. Estas percepções podem fornecer dados preciosos para a formulação de políticas públicas mais eficazes e adaptadas às necessidades específicas das comunidades rurais.

O estudo de caso explora as percepções dos pais trabalhadores rurais sobre a educação de seus filhos, revelando as complexidades envolvidas na educação no campo. A pesquisa foi

realizada nas proximidades do Parque Estadual dos Três Picos, no distrito de Campo do Coelho, em Nova Friburgo, município do estado do Rio de Janeiro. Essa região é caracterizada por uma rica diversidade agrícola e cultural, oferecendo um cenário ideal para investigar as visões e expectativas dos pais em relação à educação.

Nova Friburgo, segundo dados do IBGE de 2022, é uma cidade de significativa importância situada no estado do Rio de Janeiro, na Região Sudeste do Brasil. Com uma população estimada em 189.937 habitantes, a cidade está localizada no centro-norte do estado, a uma altitude média de 985 metros e a 136 km da capital, Rio de Janeiro. O município ocupa uma área de 933,414 km² e é dividido em oito distritos, incluindo Riograndina, Campo do Coelho, Amparo, Lumiar, Conselheiro Paulino, São Pedro da Serra e Mury. Rodeada pela Serra do Mar e pelo Parque Estadual dos Três Picos, além de sua própria área urbana, Nova Friburgo é lar de muitas comunidades de agricultores familiares (IBGE, 2022).

Na Região Serrana do estado, a cidade se destaca como o principal polo de produção de hortaliças do Rio de Janeiro. Conta com cerca de 1.662 estabelecimentos agrícolas, cada um com uma média de 16 hectares. Segundo o censo agropecuário de 2017, Nova Friburgo é reconhecida como um dos mais importantes municípios produtores de hortaliças do Brasil.

De acordo com os dados mais recentes do Censo Agropecuário do IBGE, realizado em 2017, o distrito de Campo do Coelho, em Nova Friburgo, RJ, possui 1.234 propriedades rurais. Essas propriedades abrangem uma área total de 22.738,4 hectares, com uma área média de 18,42 hectares por propriedade. Ainda, de acordo com os dados coletados pelo Censo Escolar 2023 divulgados pelo INEP em 22 de fevereiro de 2024, o distrito possuindo 2 escolas estaduais, 15 escolas municipais e 2 escolas particular.

Através de entrevistas semiestruturada, abordando as temáticas relacionadas à perspectiva de investigação e observações diretas, o estudo mapeou as expectativas dos pais em relação à educação, os desafios que enfrentam no dia a dia e as soluções que conjeturam para melhorar a qualidade do ensino. Utilizando a Teoria das Representações Sociais, foi possível compreender como esses pais constroem e compartilham significados sobre a educação e como esses significados influenciam suas atitudes e comportamentos.

A educação no campo é uma peça-chave para o desenvolvimento integral das comunidades rurais. Aprender como o homem no campo percebe a educação, através da

lente das representações sociais, pode ser o primeiro passo para superar os desafios existentes e construir um futuro mais promissor para essas regiões. A pesquisa realizada representa uma oportunidade de aprofundar essa compreensão e fomentar mudanças positivas que beneficiem tanto os estudantes quanto toda a comunidade. Ao dar voz a esses homens no campo, o estudo pretende identificar tanto os pontos fortes quanto as deficiências do sistema educacional local.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Elaborada nos anos 1960 na França por Serge Moscovici (2012), a TRS estuda como o conhecimento prático, ou de senso comum, se produz, se estrutura e se difunde nos diferentes grupos humanos. Segundo Moscovici (2012), as representações sociais são justamente uma forma de conhecimento particular, o saber do senso comum, cujos conteúdos mostram a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados (Moscovici, 2012). De uma forma mais geral, a TRS é uma teoria interdisciplinar que abrange fenômenos pessoais e sociais, na interseção das ciências sociais e psicológicas. É uma abordagem sociológica da psicologia social que se iniciou nos campos da sociologia e da antropologia. A teoria enfoca a construção social e a transmissão do conhecimento por meio da comunicação (Guareschi; Jovchelovich, 2009).

Moscovici introduziu o termo "representações sociais" em seu livro *A Psicanálise, sua imagem e seu público*, no qual ele descreveu essas representações como palavras, gestos e interações quase tangíveis que circulam, se cruzam e se reforçam. (Moscovici, 2012).

A TRS trouxe mudanças significativas para a psicologia social, fornecendo novas perspectivas sobre questões relacionadas à cognição, comunicação e conhecimento geral (Chamon; Chamon, 2007). O conceito de representação social é diretamente influenciado pelo conceito de representações coletivas de Durkheim (2021). Émile Durkheim discutiu em seu livro "Formas básicas de vida religiosa: o sistema totem da Austrália" o conceito de representação coletiva. Publicado pela primeira vez em 1912, Durkheim descreve fenômenos produzidos por comunidades aborígenes australianos, em particular o sistema totêmico. Ao pesquisar as crenças e práticas religiosas dessas sociedades, ele desenvolve a noção de "representações coletivas" (Durkheim, 2021).

De acordo com a Teoria das Representações Sociais, todo conhecimento é validado na experiência social, e as representações coletivas são coleções de saberes e crenças cuja principal função é transmitir saberes ancestrais, incorporando herança social e cultural, além da experiência pessoal. Nessa perspectiva, a individualidade é determinada socialmente, os indivíduos não têm ação direta e as representações coletivas são impostas, estáticas e homogêneas (Chamon, 2014).

Ao contrário de Durkheim, Moscovici entendia que a construção da identidade e da sociedade se transferia por meio da difusão do conhecimento, tendo as pessoas um papel ativo nesse processo, existindo uma conexão dinâmica e interdependente entre os indivíduos e a sociedade. Os indivíduos colaboram para a construção da sociedade e são afetados por ela. Segundo Moscovici (2012), as representações sociais não são forçadas, mas produzidas (Moscovici, 2012).

No contexto das representações sociais, elas podem ser entendidas como saberes socialmente construídos que não apenas orientam a cognição e a comunicação individual e grupal, mas também justificam condutas e escolhas. A linguagem e a comunicação desempenham um papel fundamental na produção e circulação das representações sociais, nos níveis interindividual, institucional e midiático, constituindo as possibilidades e determinantes da representação (Moscovici, 2012).

Segundo Jovchelovitch (2017), a representação social refere-se tanto a um fenômeno quanto a uma teoria. Esse fenômeno é moldado pelas práticas de determinados grupos em relação aos objetos sociais, enquanto a teoria busca explicar como o conhecimento social é articulado e transformado por meio de processos de comunicação e interação social.

De acordo com Araujo (2008):

As representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas pelos integrantes dos grupos para explicar as relações estabelecidas entre eles, com outros grupos e com a natureza. Isso ocorre mediante o caráter coletivo das ideias, histórias e experiências vividas por um grupo social específico e essa construção vai servir de orientação para a ação social (Araújo, 2008, p.110).

O estudo de uma determinada cultura e sociedade pode ser feito de forma mais completa utilizando a teoria das representações sociais como ferramenta metodológica,

conforme Araujo (2008). A teoria auxilia na compreensão da formação geral das conexões sociais e culturais entre os indivíduos de um grupo, oferecendo assim uma abordagem teórico-metodológica para investigar o impacto significativo da teoria das representações sociais na compreensão das relações sociais e culturais dentro de um grupo humano.

A EDUCAÇÃO NO CAMPO

O homem no campo é geralmente definido como uma pessoa que vive e trabalha no campo, como fazendas, sítios ou comunidades agrícolas. Ainda que não haja uma definição única, na maioria das vezes está envolvido em atividades relacionadas à agricultura, pecuária, pesca ou silvicultura, e tem uma forte conexão com a terra e a natureza. Essas pessoas comumente têm um estilo de vida mais simples e tradicional, com uma fortíssima cultura comunitária e familiar. São excelentes trabalhadores com habilidades e conhecimentos especializados relacionados à produção de alimentos e cuidados com animais.

Neste contexto, é importante destacar que a vida rural é diversa e pode variar significativamente em várias partes do mesmo estado ou município. As atividades e o estilo de vida dos homens em uma comunidade rural podem ser fortemente impactados pelas circunstâncias econômicas, sociais e culturais da comunidade. Estes trabalhadores rurais têm uma grande diversidade em termos de etnia, gênero, idade, formação educacional e origem geográfica, mas há algumas características que são comuns entre eles: baixa escolaridade. A baixa escolaridade de muitos trabalhadores rurais torna mais difícil encontrar trabalho e acessar outros recursos, como financiamento bancário para meios rurais e auxílios governamentais.

Segundo Chamon (2016), o campo é composto por territórios materiais e imateriais. A educação nas áreas rurais depende dessa compreensão amplificada. A Educação do Campo diz que os agricultores têm o direito de pensar e definir a educação de acordo com seu lugar, sua cultura e suas necessidades (Chamon, 2016).

A nova perspectiva sobre a educação rural afeta diretamente a forma como a educação rural é concebida e como os professores devem ser desenvolver/atuar para atender às novas dimensões e valores que compõem a identidade da educação rural. Assim, podemos resumir

essas relações e delinear os elementos essenciais que distinguem a educação rural da educação rural (Caldart, 2009).

O reconhecimento da natureza única de uma educação destinada a pessoas que vivem no campo é um assunto atual e em ascensão. Uma educação instrumental centrada na exploração do campo e da natureza é sugerida pelo sistema capitalista hegemônico. O objetivo de uma proposta de educação do campo contra-hegemônicas deve ser adquirir conhecimento e transformar a natureza para o bem-estar dos humanos (Dias et al., 2016).

A expansão e o fortalecimento das comunidades rurais dependem da educação no campo. As características culturais e geográficas dessas áreas, muitas vezes afastadas dos centros urbanos, tornam a educação particularmente importante para apoiar o avanço socioeconômico, a preservação ambiental e a valorização das tradições culturais dessas populações. O sistema educacional reproduz automaticamente as desigualdades sociais e exclui os cidadãos do campo quando os professores são treinados nos padrões culturais da classe dominante e valorizam um determinado arbitrário cultural em detrimento de outras formas de cultura e conhecimento (Chamon, 2016).

O acesso à educação é frequentemente um problema para as comunidades rurais. A infraestrutura escolar adequada, o transporte dos alunos e a disponibilidade de recursos pedagógicos podem ser desafiados por causa da localização remota dessas áreas. Acesso à educação é limitado por várias barreiras, de acordo com estudos realizados por Arroyo (2011), incluindo baixa qualidade do ensino e a falta de escolas próximas.

A educação transforma as comunidades rurais, oferecendo aos moradores oportunidades de capacitação, conhecimento e habilidades. A educação dá a essas populações a capacidade de diversificar suas atividades econômicas, fomentar o empreendedorismo e melhorar de forma sustentável suas práticas agrícolas e pastoris. As comunidades rurais podem ser educadas sobre a importância da conservação da biodiversidade, da prevenção de desastres naturais e da adoção de métodos agrícolas e pecuários sustentáveis por meio de programas educacionais específicos. A educação ajuda a criar uma consciência ecológica, que promove uma coexistência harmoniosa entre o homem e o meio ambiente.

Além disso, as tradições culturais das comunidades são valorizadas e preservadas por meio da educação no campo. A educação ajuda a fortalecer a identidade cultural e a

autoestima dos residentes dessas áreas ao incorporar a cultura local nos currículos escolares e incentivar a transmissão de conhecimentos tradicionais. Para que as comunidades se desenvolvam de forma sustentável, é imprescindível que haja uma relação entre a educação e as populações no campo. Essas pessoas podem superar dificuldades, melhorar suas condições de vida e preservar o rico patrimônio cultural e ambiental das áreas rurais se puderem receber educação.

ESCOLA DO CAMPO E ESCOLA URBANA

De acordo com a Teoria das Representações Sociais, as pessoas constroem suas representações sociais com base em suas experiências, crenças, valores e contextos sociais específicos. No caso da dicotomia entre escola do campo e escola urbana, as representações sociais podem refletir as diferenças percebidas entre esses dois contextos educacionais.

As representações sociais da escola do campo podem envolver a valorização da natureza, da agricultura, do trabalho coletivo e da proximidade com a comunidade, destacando a conexão com a terra, as tradições locais e habilidades práticas relacionadas à vida rural. Já as representações sociais da escola urbana podem enfatizar o conhecimento acadêmico, a tecnologia, a diversidade cultural e o acesso a oportunidades de emprego e crescimento profissional, associando-a à urbanização, ao avanço tecnológico e à diversidade cultural.

No entanto, é importante ressaltar que as representações sociais não são fixas nem universais, podendo variar entre indivíduos e grupos sociais e serem influenciadas por fatores como classe social, experiências pessoais e acesso a recursos educacionais (Moscovici, 2005).

Moscovici enfatiza a importância das representações sociais na construção do conhecimento e na interpretação da realidade, defendendo que são formas de conhecimento socialmente construídas que refletem a realidade vivida e compartilhada pelos membros de um grupo social. No caso da dicotomia entre escola do campo e escola urbana, as representações sociais são construídas com base nas experiências, valores e crenças dos indivíduos envolvidos nesses contextos (Moscovici, 2005).

O autor também destaca a importância dos processos de ancoragem e objetivação na formação das representações sociais. A ancoragem refere-se à ligação das representações a

conceitos e ideias existentes no sistema cultural e simbólico de uma sociedade. No caso da dicotomia entre escola do campo e escola urbana, as representações podem ser ancoradas em estereótipos, imagens culturais ou valores associados à vida rural e urbana (Moscovici, 2005).

As representações sociais da escola do campo e da escola urbana podem ser objetivadas em políticas educacionais específicas, estratégias de ensino, currículos diferenciados e infraestruturas adaptadas às necessidades desses contextos (Young, 2014).

A abordagem de Moscovici, fundamentada na Teoria das Representações Sociais, contribui para compreender como as representações sociais moldam a percepção e a interpretação da dicotomia entre escola do campo e escola urbana, influenciando a forma como esses contextos são valorizados, compreendidos e abordados no sistema educacional. Ao considerar as ideias de Moscovici, é possível analisar como as representações sociais dessas realidades educacionais são construídas, compartilhadas e objetivadas, contribuindo para a compreensão mais ampla das dinâmicas envolvidas nessa dicotomia.

A objetivação, por sua vez, diz respeito à transformação das representações sociais em objetos concretos, como discursos, práticas e instituições. No contexto educacional, as representações sociais da escola do campo e da escola urbana podem ser objetivadas em políticas educacionais específicas, estratégias de ensino, currículos diferenciados e infraestruturas adaptadas às necessidades desses contextos.

Por exemplo, políticas governamentais podem direcionar recursos e investimentos para melhorias nas escolas rurais, visando fortalecer a educação no campo e promover o desenvolvimento local. Essas ações objetivam as representações sociais da escola do campo ao traduzi-las em medidas práticas e institucionais. Da mesma forma, nas escolas urbanas, podem ser implementadas políticas que valorizem a diversidade cultural, promovam a inclusão social e proporcionem acesso a recursos tecnológicos e oportunidades de formação acadêmica. Essas medidas objetivam as representações sociais da escola urbana ao traduzi-las em práticas educacionais e estratégias de ensino específicas.

Assim, a abordagem de Moscovici contribui para compreender como as representações sociais moldam a percepção e a interpretação da dicotomia entre escola do campo e escola urbana, influenciando a forma como esses contextos são valorizados, compreendidos e abordados no sistema educacional (Moscovici, 2005).

Ao considerar as ideias de Moscovici, podemos analisar como as representações sociais dessas realidades educacionais são construídas, compartilhadas, objetivadas e transformadas em práticas e instituições concretas, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas envolvidas nessa dicotomia. Chamon (2016) sustenta a importância de uma abordagem da Educação do Campo que seja construída pelos povos que vivem nas áreas rurais, destinada a esses mesmos povos e fundamentada em seu conhecimento. Essa perspectiva educacional coloca os povos do campo como sujeitos centrais do processo de formação. A autora argumenta que a formação educacional visa à construção de conhecimentos, buscando desenvolver a personalidade de forma abrangente, integrando teoria e prática (Chamon, 2016, p. 190-193).

No entanto, é importante ressaltar que o processo de formação não ocorre de forma isolada e neutra, mas está inserido em um projeto de sociedade. A formação pode assumir uma abordagem instrumental, direcionada ao mercado de trabalho, ou uma abordagem idealista, desvinculada da realidade prática. Além disso, a formação pode ser voltada para o desenvolvimento integral do ser humano em sua totalidade social. A Educação do Campo surge como um novo projeto de sociedade, fundamentado no conhecimento, na transformação e preservação da natureza, visando ao desenvolvimento pleno do ser humano e à busca por sua emancipação e autonomia. Assim, vai além de ser apenas uma alternativa ao modelo capitalista de produção, apresentando-se como uma proposta contra-hegemônica para a sociedade (Chamon, 2016, p. 190-193).

No contexto da disputa pelo discurso sobre as áreas rurais, a Educação do Campo se apresenta como uma proposta ampla e articulada, embora apresente contradições em suas realizações práticas. Baseada no trabalho como princípio fundamental, essa abordagem educacional abrange diferentes dimensões que vão além da dimensão pedagógica e ultrapassam a forma institucionalizada da escola (Chamon, 2016, p. 190-193).

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A EDUCAÇÃO NO CAMPO

As representações sociais desempenham um papel relevante na educação no campo, fornecendo a percepção sobre como os indivíduos percebem e interpretam a realidade rural.

Seguindo a abordagem teórica das representações sociais, Ferreira-Júnior (2004) destaca que essas representações são construídas por meio da interação dos sujeitos com seu ambiente social e cultural. No contexto da educação no campo, as representações sociais surgem a partir das experiências, valores e normas compartilhados pelas comunidades rurais. A educação no campo, segundo Caldart (2004), refere-se ao ensino e aprendizagem que ocorrem nas áreas rurais, abordando as especificidades do trabalho e da vida nessas comunidades. A autora ressalta que as representações sociais no campo educacional podem abranger diversas temáticas, como o valor atribuído à agricultura, as expectativas em relação ao trabalho rural e as perspectivas de desenvolvimento socioeconômico nas áreas rurais.

A importância das representações sociais na educação no campo é evidenciada por Silva (2012), que enfatiza como essas representações influenciam as atitudes, motivações e comportamentos dos indivíduos em relação à educação nesse contexto específico. Por exemplo, representações sociais negativas em relação ao trabalho agrícola podem afetar a valorização da educação no campo, enquanto representações que ressaltam a importância da agricultura e do desenvolvimento rural podem estimular a busca por oportunidades educacionais relacionadas a essas áreas.

Analisar as representações sociais existentes na educação no campo é fundamental para a implementação de políticas educacionais adequadas. Segundo Oliveira (2016), essas representações podem influenciar a formação de professores, a escolha de currículos e as metodologias de ensino adotadas. Compreender as representações sociais também pode contribuir para promover uma educação contextualizada e relevante, valorizando a identidade, os conhecimentos locais e as demandas específicas da vida no campo. Santos (2014) destaca a importância de estudos e pesquisas que envolvam a participação ativa dos diferentes atores envolvidos, como estudantes, professores, famílias e líderes comunitários. Essas pesquisas podem fornecer subsídios para o desenvolvimento de políticas educacionais mais eficazes, estratégias de ensino-aprendizagem pertinentes e uma educação inclusiva e de qualidade para as comunidades rurais.

A análise das representações sociais é essencial para promover uma educação contextualizada, inclusiva e de qualidade, que atenda às necessidades específicas das áreas rurais e valorize a identidade e os conhecimentos locais.

Autores brasileiros como Ferreira-Júnior, Caldart, Silva, Oliveira e Santos forneceram percepções valiosas sobre as representações sociais na educação no campo. Suas contribuições teóricas e pesquisas têm enriquecido o campo acadêmico, oferecendo uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno e suas implicações na prática educacional. Ao explorar as representações sociais na educação no campo, podemos avançar na promoção de uma educação de qualidade e contextualizada para as comunidades rurais, levando em conta suas necessidades, valores e expectativas específicas.

No âmbito da educação no campo, as representações sociais desempenham um papel crucial na forma como os indivíduos percebem a importância da educação, seus objetivos e os desafios específicos enfrentados pelas comunidades rurais. Moscovici (1984) destaca que as representações sociais são formas de conhecimento socialmente compartilhado, construídas através da interação entre os indivíduos e o ambiente social. Nesse sentido, as representações sociais podem influenciar as atitudes, expectativas e comportamentos em relação à educação no campo. Uma das contribuições centrais de Moscovici (1984) é o conceito de ancoragem e objetivação, que pode ser aplicado ao contexto educacional no campo. A ancoragem refere-se ao processo pelo qual os indivíduos conectam novas informações ou ideias a conhecimentos e significados já existentes em suas representações sociais. No contexto da educação no campo, isso implica que as percepções e atitudes em relação à educação são influenciadas pelas representações pré-existentes sobre o trabalho rural, a vida na zona rural e as expectativas sociais em relação à educação.

Por sua vez, a objetivação envolve a transformação de elementos abstratos em formas concretas e tangíveis. No contexto da educação no campo, isso significa que as representações sociais sobre a importância da educação podem ser objetivadas em práticas educativas que valorizem a identidade e as necessidades específicas das comunidades rurais. Essas práticas podem incluir o ensino de conteúdos relacionados à realidade rural, o estímulo à participação ativa das comunidades locais na escola e o reconhecimento dos saberes tradicionais e do conhecimento local.

Moscovici (1984) também destaca a importância da comunicação e da construção do consenso social na formação das representações sociais. No contexto da educação no campo,

isso implica que é fundamental promover um diálogo aberto e inclusivo entre os diversos atores envolvidos, como estudantes, professores, famílias, lideranças comunitárias e representantes das políticas educacionais. Essa comunicação ampla e participativa pode contribuir para a construção de representações sociais mais alinhadas às necessidades e realidades das comunidades rurais, fortalecendo a identidade e a valorização da educação no campo.

Ao considerar as contribuições de Moscovici (1976; 1984), é possível compreender que as representações sociais desempenham um papel fundamental na educação no campo. Essas representações moldam as percepções, atitudes e práticas educacionais nas áreas rurais, influenciando a valorização da educação e a busca por uma educação contextualizada e relevante. Através do estudo e compreensão das representações sociais na educação no campo com base nas contribuições de Moscovici (1976; 1984), é possível desenvolver estratégias pedagógicas mais eficazes e adequadas às necessidades das comunidades rurais. Isso inclui a valorização dos saberes locais, a integração da realidade rural nos conteúdos curriculares e a promoção de uma educação que empodere os estudantes para lidar com os desafios e oportunidades específicos da vida no campo.

A abordagem das representações sociais de Moscovici (1976; 1984) oferece uma perspectiva teórica e metodológica importante para a compreensão da educação no campo. Suas contribuições enfatizam a importância das representações sociais na formação de atitudes, práticas e políticas educacionais nas áreas rurais. Integrar as teorias de Moscovici (1976; 1984) com as reflexões de autores brasileiros permite uma compreensão mais aprofundada das representações sociais na educação no campo e ajuda a informar intervenções educacionais mais eficazes e contextualizadas. Essa abordagem pode contribuir para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e de qualidade para as comunidades rurais, valorizando sua identidade, conhecimentos e necessidades específicas.

A VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PELO HOMEM NO CAMPO

No campo, onde o acesso à educação formal é frequentemente limitado, o trabalhador desempenha um papel importante na promoção da continuidade escolar de seus filhos. A valorização da educação por parte dos pais no campo surge como uma representação social

formidável. Embora suas próprias oportunidades educacionais possam ter sido restritas, ele pode transmitir a importância do estudo por meio do exemplo e da narrativa pessoal. Ao compartilhar histórias sobre as dificuldades enfrentadas no trabalho da lavoura e como a educação pode abrir portas para um futuro menos árduo, ele cria e reforça uma representação social que valoriza o aprendizado. Essa transmissão de valores posiciona a educação como uma prioridade dentro do ambiente familiar, incentivando os filhos a se dedicarem aos estudos. O papel do homem no campo, historicamente associado à agricultura e ao trabalho rural, tem evoluído significativamente ao longo dos anos, especialmente no que diz respeito à sua visão sobre a educação e a importância atribuída a ela. Esta transformação não apenas reflete mudanças econômicas e sociais, mas também uma compreensão crescente do valor da educação para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

Nas décadas passadas, a vida no campo era predominantemente centrada na subsistência e na continuidade das tradições familiares de cultivo. A educação formal muitas vezes era considerada secundária, uma vez que a mão-de-obra era necessária para garantir a produção agrícola e a sobrevivência familiar. Crianças e jovens eram comumente privados da escola para ajudar nas lavouras e outras tarefas essenciais, o que limitava suas oportunidades educacionais. A visão prevalente entre os trabalhadores rurais era de que o conhecimento necessário para a vida e o trabalho no campo poderia ser transmitido de geração em geração, sem a necessidade de uma educação formal (Arroyo, 2011). No entanto, a globalização e as mudanças tecnológicas começaram a alterar esse aspecto. O desenvolvimento de novas técnicas agrícolas, o uso de máquinas e a necessidade de gerenciar propriedades de maneira mais eficiente e sustentável demandaram um novo conjunto de habilidades e conhecimentos. Os trabalhadores começaram a perceber que a educação poderia proporcionar não apenas melhores práticas agrícolas, mas também oportunidades para diversificar suas fontes de renda e melhorar a qualidade de vida.

Com o tempo, a importância da educação foi se tornando mais evidente. Programas governamentais e iniciativas de organizações não-governamentais também desempenharam um papel indispensável ao promover a educação no campo, oferecendo incentivos e recursos para manter as crianças na escola. A introdução de programas de merenda escolar, transporte gratuito e bolsas de estudo ajudaram a aliviar algumas das barreiras econômicas que

impediam o acesso à educação. Ainda, campanhas de conscientização destacaram os benefícios de longo prazo da educação, como o aumento das oportunidades de emprego e a melhoria das condições de saúde e bem-estar.

Os próprios trabalhadores rurais começaram a valorizar mais a educação como um meio de proporcionar um futuro melhor para seus filhos. Historicamente, muitos homens no campo viam a educação como uma rota para que seus filhos escapassem das dificuldades associadas ao trabalho agrícola pesado. Eles passaram a apoiar mais ativamente a permanência de seus filhos na escola, compreendendo que uma educação sólida poderia abrir portas para carreiras fora do trabalho na lavoura, bem como capacitar aqueles que optassem por permanecer no campo a adotar práticas agrícolas mais modernas e rentáveis. As tecnologias digitais e a internet também desempenharam um papel significativo transformador. O acesso à informação e ao conhecimento permitiu aos trabalhadores no campo enxergarem além de suas comunidades imediatas e compreender a importância de habilidades como alfabetização digital e competências técnicas avançadas. Esta exposição ajudou a consolidar a percepção de que a educação é essencial para navegar e prosperar no mundo contemporâneo (Araujo, 2022).

O homem do campo hoje compreende que a educação é indispensável para o futuro de seus filhos e, conseqüentemente, para o crescimento de suas comunidades. Uma visão transformada não se limita ao desejo de melhores oportunidades financeiras; ela também inclui uma melhor compreensão do papel da educação na formação de cidadãos conscientes que possam construir sociedades mais justas e sustentáveis. A visão do homem no campo sobre a educação mudou drasticamente ao longo dos anos, passando de uma perspectiva utilitarista e imediatista para uma visão estratégica e de longo prazo. Este processo de transformação reflete uma adaptação às exigências de um mundo em rápida mudança e uma compreensão mais profunda do poder da educação como catalisador de progresso pessoal e coletivo.

O ÊXODO RURAL E O PAPEL TRANSFORMADOR DA EDUCAÇÃO

No cenário dos campos e montanhas, o homem no campo, figura basilar da agricultura familiar, se depara com um dilema: como conciliar a preservação da tradição e do

legado familiar com as aspirações e anseios de seus filhos, diante das transformações do mercado de trabalho e das crescentes oportunidades nos centros urbanos?

As exigências do mercado de trabalho atual cada vez mais agressivos, cada vez mais competitivo e especializado, exigem dos jovens habilidades e conhecimentos que muitas vezes não são realidades disponíveis no campo. O acesso à educação de qualidade, à formação técnica e à diversificação de oportunidades profissionais são fatores que atraem os jovens para os centros urbanos, em busca de oportunidades.

A internet e a globalização conectam estes jovens a um mundo de oportunidades, expondo-nos a novas realidades e aspirações que vão além das fronteiras da vida no campo. O desejo de migrar para as cidades também é motivado pelo desejo de uma vida mais dinâmica, com acesso a bens de consumo, serviços e entretenimento (Arruda; 2019, Hein; 2019). Diante desse dilema, os pais buscam encontrar um equilíbrio entre a preservação da tradição e o futuro promissor de seus filhos. Investimentos em educação de qualidade, acesso à internet e à tecnologia, e incentivo ao empreendedorismo rural são algumas das medidas que podem ser tomadas para manter os jovens no campo e oferecer-lhes oportunidades de desenvolvimento profissional dentro da própria comunidade.

O diálogo aberto e honesto com os filhos é importante para compreender suas aspirações e anseios. Os pais devem se colocar como um guia e mentor, ajudando-os a tomar decisões conscientes sobre seu futuro, seja permanecendo no campo ou buscando oportunidades nas cidades. Políticas públicas que promovam o desenvolvimento rural sustentável, com investimentos em infraestrutura, acesso ao crédito, assistência técnica e diversificação da produção, também são necessários para criar um ambiente propício para a permanência dos jovens no campo.

O êxodo rural, caracterizado pela migração da população jovem dos campos para os centros urbanos em busca de melhores oportunidades, configura-se como um desafio socioeconômico de proporções globais. No Brasil, essa realidade impacta significativamente não apenas a vida dos jovens, mas também a economia local, a segurança alimentar e a preservação da cultura e tradição do campo (Arruda, 2019).

As escolas no campo, por sua vez, podem desempenhar um papel indispensável na reversão desse quadro, transformando-se em agentes de mudança e desenvolvimento para as

comunidades. A educação no campo precisa ir além da mera transmissão de conteúdos tradicionais. É preciso abraçar uma abordagem contextualizada e conectada à realidade dos alunos, tornando-se uma ferramenta relevante para o desenvolvimento da comunidade.

Isso significa integrar o currículo às necessidades e interesses da comunidade local, valorizando o conhecimento ancestral, as práticas agrícolas e a cultura do campo. Uma educação que reconhece e celebra a riqueza do saber local, transformando-a em base sólida para o aprendizado (Young, 2014). Como exemplo, salas de aula onde os alunos aprendem matemática através da gestão de pequenos negócios agrícolas, exploram ciências por meio da investigação de plantas e animais da região, e desenvolvem habilidades de comunicação através da criação de projetos que beneficiam a comunidade. Uma educação rural que inspira, que prepara os jovens para os desafios do futuro, mas que também os conecta às suas raízes e à sua identidade. Uma educação que faz a diferença, não apenas na vida dos alunos, mas em toda a comunidade.

As escolas no campo devem equipá-los com as habilidades necessárias para o sucesso no mercado de trabalho, incluindo o desenvolvimento de habilidades técnicas como uso de tecnologias digitais, empreendedorismo e gestão de negócios, além de habilidades socioemocionais como comunicação, trabalho em equipe e resolução de problemas. Para o desenvolvimento local, as escolas no campo devem colaborar com todos os setores e fazer parte da comunidade. A preservação da cultura local, a educação ambiental, a agricultura familiar e o incentivo ao empreendedorismo rural são temas pertinentes e devem estar sempre em evidência. O sucesso da educação depende do envolvimento dos pais e da comunidade, e os investimentos públicos são necessários para garantir que todos os jovens do campo recebam educação de qualidade (Caldart, 2009). Logo, a escola não deve ser vista como um espaço isolado, mas sim como parte integrante da comunidade. A colaboração com a comunidade local, com o setor privado e com outras instituições de ensino é fundamental para o desenvolvimento de projetos e programas que beneficiem os alunos e a comunidade como um todo.

O CURRÍCULO ESCOLAR ADAPTADO ÀS NECESSIDADES DO CAMPO

Um passo importante para promover uma educação relevante, inclusiva e eficaz para os alunos residentes em áreas rurais é ajustar o currículo escolar para atender às necessidades no campo. Essa adaptação garante que os conteúdos ensinados nas escolas fiquem alinhados com a realidade e com as particularidades do campo. A inclusão de tópicos como agricultura, pecuária, agroecologia, manejo sustentável e economia rural permite que os alunos façam uma conexão direta entre o que aprendem na escola e as atividades que realizam diariamente e suas carreiras futuras. Esse alinhamento aumenta a pertinência da educação e motiva os alunos, já que percebem que o conhecimento aprendido é aplicável ao mundo real.

A adaptação do currículo é imprescindível para a inclusão e valorização da cultura local. O reconhecimento e a valorização da diversidade cultural são promovidos pelo respeito à identidade cultural dos povos do campo, suas tradições e conhecimentos ancestrais. Além de enriquecer o processo educativo com perspectivas e conhecimentos diversos, isso fortalece o senso de pertencimento dos estudantes e da comunidade à escola. Uma maior participação da comunidade local no processo educativo resulta em uma educação mais contextualizada e participativa.

Segundo Young (2014), o currículo é um elemento central no contexto educacional, funcionando como uma estrutura organizacional que orienta o processo de ensino-aprendizagem nas instituições de ensino. Em termos amplos, pode-se definir o currículo como o conjunto de conteúdos, experiências e práticas pedagógicas planejadas com o propósito de promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Este conceito abrange não apenas os conteúdos acadêmicos específicos de cada disciplina, mas também as metodologias de ensino, os recursos didáticos, as avaliações e as atividades extracurriculares, todos articulados de maneira coerente para atender aos objetivos educacionais estabelecidos:

Se vamos enfrentar essa pesquisa como teóricos do currículo, temos de nos tornar “especialistas duplos”. Nossa especialização principal é a teoria do currículo. Mas também precisamos de um certo nível de familiaridade com os campos especializados que estamos pesquisando, seja engenharia ou alfabetização. Em geral, é aqui que a teoria do currículo fracassa, e talvez seja por isso que não se desenvolve: as duas formas de especialização – a teoria do currículo e o campo específico sob exame – são raramente reunidas. Há muito a fazer (Young, 2014, p.13).

A importância do currículo reside na sua capacidade de direcionar o ensino, fornecendo um roteiro claro para os educadores e assegurando que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. Além disso, o currículo desempenha um papel terminante na promoção da equidade educacional, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas origens, tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem. Ao definir critérios e objetivos específicos, o currículo facilita a avaliação do progresso e do desempenho dos alunos de forma consistente, permitindo ajustes pedagógicos necessários para otimizar a aprendizagem.

O currículo reflete os valores, crenças e conhecimentos que uma sociedade considera importantes, desempenhando uma função significativa na formação da identidade cultural dos estudantes. Este aspecto cultural do currículo é determinante, já que transmite os princípios e valores que dirigem a convivência social e a cidadania, contribuindo para a formação de indivíduos críticos e conscientes (Young, 2014).

PAIS E ESCOLAS NO CAMPO EM FACE DO TRÁFICO DE DROGAS

Dados recentes do IBGE apontam que a taxa de evasão escolar entre jovens de 15 a 17 anos na zona rural era de 11,7% em 2021, superior à zona urbana (8,2%). As maiores taxas estão no Nordeste (16,6%) e Norte (15,4%), enquanto as menores estão no Sul (8,8%) e Sudeste (8,1%). Além da evasão de alunos causados pelo êxodo em direção as grandes cidades, a educação no campo enfrenta o desafio da evasão escolar causada pelo tráfico de drogas. Principalmente em áreas de interseção, onde o campo e cidade se encontram abrindo espaço para novas comunidades dominadas pelo tráfico de drogas.

A Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PENSE) 2019, realizada pelo IBGE, apresenta dados alarmantes sobre a experimentação de drogas ilícitas entre estudantes brasileiros de 13 a 17 anos. A pesquisa revela que 9,1% dos alunos entre 13 e 15 anos já experimentaram alguma droga ilícita pelo menos uma vez na vida, enquanto essa porcentagem sobe para 17,0% entre os alunos de 16 a 17 anos, indicando um aumento significativo na experimentação na faixa etária mais alta. Mais preocupante ainda, 5,8% dos alunos relataram ter experimentado drogas ilícitas antes dos 14 anos, evidenciando a

precocidade com que o problema se inicia. É importante notar que a pesquisa PENSE não inclui dados sobre o consumo regular de drogas, apenas à experimentação (PENSE, 2019).

A análise por gênero revela que a prevalência de experimentação é maior entre os meninos (19,4%) do que entre as meninas (14,6%). Em relação à rede de ensino, observa-se que a experimentação é mais frequente na rede pública de ensino (14,5%) do que na rede privada (9,7%). As maiores taxas de experimentação estão nas regiões Norte (16,1%) e Nordeste (15,4%), enquanto as menores taxas estão no Sul (11,7%) e Sudeste (11,5%).

O tráfico de drogas e o aliciamento de jovens nas regiões rurais do Rio de Janeiro são fenômenos que podem ser analisados sob a perspectiva da teoria das representações sociais. Essa teoria sugere que nossas ações e comportamentos são influenciados pelas representações coletivas que construímos sobre determinados fenômenos sociais. No contexto das áreas rurais, as representações sociais sobre o tráfico de drogas e a juventude desempenham uma forma de compreensão da dinâmica desses problemas.

Tradicionalmente, o tráfico de drogas é associado às áreas urbanas, especialmente nas favelas e periferias das grandes cidades. No entanto, as representações sociais dessa atividade vêm se expandindo para as áreas rurais, onde o isolamento e a tranquilidade proporcionam um ambiente propício para a produção e o transporte de drogas. Essa mudança de cenário reflete uma adaptação das facções criminosas às novas realidades e oportunidades, moldada pelas representações que têm dessas regiões como menos visíveis e, portanto, menos suscetíveis à repressão policial.

O aliciamento de jovens nas áreas rurais é outro aspecto crítico que pode ser compreendido através das representações sociais. Em comunidades onde as oportunidades econômicas, educacionais e de lazer são escassas, a representação do tráfico de drogas como uma via de ascensão social e econômica ganha força. A promessa de dinheiro fácil e status social atrai muitos jovens, que veem no tráfico uma alternativa viável diante da falta de perspectivas.

A desigualdade socioeconômica no campo contribui significativamente para a construção dessas representações. A precariedade do acesso à educação e ao emprego, a ausência de políticas públicas eficazes e o limitado investimento em desenvolvimento rural reforçam a percepção de que o tráfico de drogas é uma das poucas opções disponíveis para os

jovens. Essa percepção é sustentada e disseminada pelas narrativas e discursos presentes no cotidiano dessas comunidades.

Além disso, as representações sociais das famílias nessas regiões também desempenham um papel importante. Em contextos de famílias desestruturadas, onde o suporte emocional e a orientação são limitados, os jovens tendem a buscar pertencimento e segurança nas organizações criminosas. A ausência de uma estrutura familiar sólida contribui para a internalização de representações que legitimam o envolvimento com o tráfico como uma resposta às necessidades emocionais e materiais.

As consequências dessas dinâmicas são devastadoras. A violência, o aumento do consumo de drogas e a criminalidade são manifestações visíveis da internalização dessas representações. As comunidades rurais, já enfrentando inúmeros desafios, tornam-se ainda mais fragilizadas pela presença do tráfico, o que perpetua um ciclo de exclusão e marginalização.

A percepção dos pais de alunos de escolas no campo em relação ao tráfico de drogas, que está cada vez mais presente no meio rural, é marcada por uma combinação de preocupação, desespero e resiliência. A expansão do tráfico de drogas para áreas rurais tem gerado uma série de desafios para as comunidades, afetando diretamente as famílias e, especialmente, os jovens. A análise dessa percepção através da teoria das representações sociais pode revelar como os pais constroem e compartilham entendimentos sobre essa ameaça crescente e como isso influencia suas ações e expectativas em relação à educação e ao futuro de seus filhos.

No campo, as representações sociais do tráfico de drogas são muitas vezes associadas à degradação da segurança comunitária, ao aumento da violência e à desestruturação das famílias. Para muitos pais, a presença do tráfico representa uma invasão que desestabiliza a vida cotidiana e coloca em risco o desenvolvimento saudável dos jovens. Essa percepção é intensificada pela relativa tranquilidade que tradicionalmente caracteriza as comunidades rurais, onde a proximidade entre os moradores e a coesão social tendem a ser mais fortes.

Os pais de alunos em escolas rurais frequentemente expressam uma profunda preocupação com a influência do tráfico de drogas sobre seus filhos. Eles temem que o aliciamento de jovens pelo tráfico, atraídos pela promessa de dinheiro fácil e status social,

desvie os jovens do caminho da educação e do trabalho honesto. A vulnerabilidade dos jovens é exacerbada pela falta de oportunidades econômicas e de lazer, que tornam o tráfico uma alternativa tentadora para escapar da pobreza e da monotonia da vida rural.

A percepção do tráfico de drogas como uma ameaça está intimamente ligada às representações sociais da paternidade e da responsabilidade familiar no campo. Muitos pais se sentem responsáveis por proteger seus filhos dessa influência e buscam maneiras de reforçar os valores familiares e comunitários. No entanto, a capacidade de exercer essa proteção é frequentemente limitada pela falta de recursos e pela insuficiência de apoio institucional. As escolas, que deveriam ser um refúgio e uma fonte de oportunidades, muitas vezes carecem de infraestrutura adequada e de programas educativos que possam competir com a atração do tráfico.

Além disso, os pais de alunos enfrentam o desafio de manter a comunicação e o controle sobre os movimentos de seus filhos, especialmente quando as escolas estão localizadas a grandes distâncias das residências. O trajeto para a escola, que em muitas áreas rurais é longo e precário, torna-se um momento de vulnerabilidade onde os jovens podem ser abordados pelos traficantes. Essa situação gera uma ansiedade constante entre os pais, que se preocupam não apenas com a segurança física dos filhos, mas também com sua segurança moral e psicológica.

A compreensão do tráfico de drogas e do aliciamento de jovens nas regiões rurais do Rio de Janeiro através da teoria das representações sociais revela a importância de abordar essas questões de maneira holística. Somente através da desconstrução das representações que legitimam esses comportamentos e da promoção de alternativas positivas será possível construir um cenário mais promissor para essas comunidades.

A PATERNIDADE NO CAMPO

As representações sociais da paternidade no campo são fortemente influenciadas por contextos culturais, econômicos e históricos específicos dessas regiões. No ambiente rural, a paternidade frequentemente assume características que refletem a complexidade das relações familiares e comunitárias, bem como as dificuldades e os desafios próprios da vida no campo. A preocupação com a educação dos filhos surge como um elemento central na construção

dessas representações, moldando as práticas e expectativas dos pais em relação ao futuro de suas crianças.

No contexto da vida no campo, a paternidade é frequentemente vista como um papel que envolve não apenas a provisão material, mas também a transmissão de valores e conhecimentos tradicionais. Os pais são geralmente responsáveis por ensinar habilidades com o trabalho na lavoura, pesca e outras atividades ligadas ao sustento familiar e à manutenção da vida comunitária. Essas práticas tradicionais são valorizadas e vistas como essenciais para a formação da identidade dos jovens no campo. No entanto, com as mudanças sociais e econômicas, a educação formal passou a ocupar um espaço cada vez mais significativo nas preocupações paternas.

As representações sociais da paternidade no campo refletem uma tensão entre a valorização das tradições locais e a necessidade de adaptação às exigências do mundo moderno. Muitos pais percebem a educação como um meio de oferecer aos filhos oportunidades que eles próprios não tiveram. A escola é vista como um caminho para escapar da pobreza e da limitação de opções que muitas vezes caracterizam a vida no campo. Contudo, essa percepção positiva da educação formal coexiste com preocupações práticas e emocionais.

A distância física das escolas, a qualidade da educação oferecida e as condições de transporte são desafios significativos que afetam a representação social da paternidade em relação à educação no campo. Muitos pais enfrentam dificuldades para garantir que seus filhos frequentem a escola regularmente e recebam uma educação de qualidade. Além disso, há uma preocupação constante com a segurança dos filhos durante o trajeto para a escola, especialmente em regiões onde as infraestruturas são precárias.

A teoria das representações sociais, oferece uma lente útil para compreender como essas preocupações e tensões são negociadas no cotidiano dos pais. As representações sociais da paternidade e da educação no campo são construídas e compartilhadas através das interações e discursos comunitários, refletindo tanto as aspirações quanto os desafios enfrentados pelas famílias. Esses discursos não são estáticos; eles evoluem em resposta às mudanças nas condições sociais, econômicas e políticas.

As representações sociais da paternidade no campo são moldadas por uma combinação de valores tradicionais e desafios contemporâneos, com a educação emergindo como uma preocupação central. Compreender essas representações através da teoria das representações sociais permite uma visão mais profunda das expectativas, aspirações e dificuldades enfrentadas pelos pais rurais, destacando a necessidade de políticas educacionais inclusivas e sensíveis ao campo.

PERFIL SOCIOECONÔMICO E EDUCACIONAL DOS PAIS ENTREVISTADOS

A pesquisa examinou as percepções e os obstáculos dos pais de adolescentes que frequentam escolas no campo. Esses pais vivem em áreas rurais, muitas vezes em pequenas comunidades isoladas, e seu sustento depende da agricultura familiar ou de atividades agropecuárias. De maneira geral, eles têm baixo nível de educação, muitos deles tendo concluído apenas o ensino fundamental ou médio, e alguns podem ser analfabetos ou não receberam nenhuma educação escolar.

As condições socioeconômicas desses pais são modestas, com renda familiar baixa, refletindo os desafios econômicos decorrentes da instabilidade da produção agrícola e da falta de oportunidades de emprego fora do setor agropecuário. Apesar dessas dificuldades, esses pais valorizam a educação como um meio de proporcionar melhores oportunidades para seus filhos. Embora muitos desses pais desejem participar ativamente na educação dos filhos, encontram limitações impostas pela extensa jornada de trabalho no campo e pela falta de tempo. Além disso, podem ter dificuldades em auxiliar nas tarefas escolares devido ao baixo nível de escolaridade. No contexto das representações da paternidade, esses pais enxergam a paternidade como uma responsabilidade vital, focando na provisão material e no suporte moral para seus filhos, e desempenham um papel ativo na transmissão de valores culturais e conhecimentos práticos relacionados à vida no campo.

Assim, o perfil dos pais entrevistados na pesquisa revela um conjunto de complexidades e desafios inerentes à paternidade rural no contexto da educação no campo, destacando a necessidade de políticas e práticas educacionais que levem em consideração essas especificidades e busquem suavizar as dificuldades enfrentadas por essas famílias.

A PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE A EDUCAÇÃO NO CAMPO

A percepção dos pais de alunos que estudam em uma escola no campo, cientes de que apenas a educação pode transformar a forma como o mundo vê o campo, é repleta de tons e entretons. Esses pais expressam uma intensa esperança de que a educação possa abrir novas portas e proporcionar melhores oportunidades para seus filhos, nutrindo um sentimento de orgulho em relação à possibilidade de seus filhos receberem uma formação que valorize as especificidades do campo. Eles reconhecem que a educação é uma ferramenta poderosa para reverter a percepção muitas vezes negativa ou subestimada do campo na sociedade em geral.

Este é o resultado compilado das entrevistas realizadas com pais de alunos que estudam em escolas no campo. Durante as entrevistas, esses pais compartilharam suas percepções e expectativas em relação à educação oferecida a seus filhos, revelando uma visão esperançosa sobre o papel transformador da educação no campo.

Esses pais entendem que a educação pode evidenciar as potencialidades do campo, desafiando preconceitos e promovendo uma visão mais justa e positiva. No entanto, também manifestam preocupação quanto à qualidade da educação oferecida na escola rural, receosos de que ela não corresponda aos padrões das instituições urbanas. Tal preocupação se reflete em sua atenção à formação dos professores, ao currículo e aos recursos disponíveis, com o intuito de assegurar que seus filhos recebam uma educação de qualidade.

Os pais expressam um desejo profundo de que a educação de seu filho promova a inclusão social e a igualdade, assegurando que ele tenha as mesmas oportunidades de sucesso e reconhecimento que os alunos das grandes cidades. Ele enxerga na educação um meio de empoderamento que permitirá a seu filho contribuir para o desenvolvimento sustentável da região, preservando ao mesmo tempo a cultura e os valores do campo.

A visão de futuro destes pais é otimista, porquanto acredita que seu filho, através da educação recebida no campo, poderá contribuir para o desenvolvimento local, trazendo soluções inovadoras para os desafios específicos do campo. Ele percebe a educação como um investimento não apenas no indivíduo, mas na comunidade como um todo, esperando que os jovens, providos de conhecimento, possam retornar e melhorar a infraestrutura, a economia e a qualidade de vida no campo.

Ainda, estes pais valorizam profundamente a relação entre a educação e a identidade cultural. Ele considera fundamental que a formação escolar respeite e preserve as tradições e os conhecimentos locais, promovendo a autoestima dos alunos e a continuidade da herança cultural rural.

As percepções destes pais combinam um forte senso de responsabilidade e esperança na educação como um agente de mudança positiva, tanto para seu filho quanto para a sociedade. Ele enxerga a educação como um meio de transformação pessoal e coletiva, capaz de trazer reconhecimento e valorização para o campo e seus moradores, evidenciando a importância de um olhar atento e inclusivo para as especificidades do campo.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

Os resultados deste estudo corroboram com pesquisas anteriores que apontam para os desafios enfrentados pelas escolas no campo. A desigualdade digital, êxodo rural, e a descontextualização do currículo são problemas recorrentes que impactam negativamente a qualidade da educação no campo.

É importante ressaltar que os pais entrevistados demonstram um grande interesse pela educação dos seus filhos e desejam que eles tenham acesso a um ensino de qualidade. O engajamento da comunidade escolar, a valorização da cultura local e a promoção de um currículo mais contextualizado são medidas essenciais para fortalecer a educação rural e garantir que os alunos do campo tenham as ferramentas necessárias para construir um futuro melhor. As entrevistas revelaram que os pais entrevistados reconhecem a importância da educação para o futuro dos seus filhos, mas expressam preocupações com a qualidade do ensino oferecido nas escolas no campo.

As entrevistas com pais de alunos de escolas no campo revelam uma preocupação constante com a relevância da educação para a vida no campo. Esses pais frequentemente expressam a necessidade de um currículo que esteja mais alinhado com as práticas e a cultura locais, além de uma infraestrutura escolar que motive os jovens a permanecerem nas escolas e, posteriormente, em suas comunidades. A implementação de escolas de tempo integral com atividades extracurriculares voltadas para o contexto rural pode ajudar a transformar as representações sociais da educação. Programas de incentivo à permanência na escola, como

bolsas de estudo e auxílios financeiros para famílias de baixa renda, são estratégias que podem reduzir a evasão escolar. Além disso, a formação continuada de professores e a promoção de metodologias pedagógicas inovadoras, que dialoguem com a vivência dos alunos no campo, são medidas que podem reconfigurar as percepções sobre o valor da educação.

Ao considerar a problemática do êxodo rural, é preciso reconhecer que a decisão de migrar é influenciada por representações sociais que envolvem tanto a percepção das condições de vida no campo quanto as expectativas associadas à vida urbana. As representações sociais da vida rural frequentemente estão associadas a dificuldades econômicas, falta de infraestrutura e oportunidades limitadas, enquanto a vida urbana é idealizada como um espaço de progresso, modernidade e melhores condições de vida. Para suavizar o êxodo rural, é indispensável que as políticas públicas reestruturem essas representações sociais. Uma abordagem eficaz seria investir em programas de desenvolvimento rural que promovam a diversificação econômica, melhorando as condições de vida e trabalho no campo. Isso inclui investimentos em infraestrutura, como estradas, eletrificação e acesso à internet, além de políticas de incentivo à agricultura sustentável e à agroindústria. A melhoria dos serviços de saúde e educação também desempenha um papel determinante, alterando as representações sociais negativas sobre a vida rural e demonstrando que é possível ter uma vida de qualidade no campo.

No contexto da evasão escolar, as representações sociais da educação são determinantes. Em muitas comunidades rurais, a educação pode ser percebida como um processo distante da realidade imediata dos jovens, que muitas vezes são pressionados a contribuir economicamente para suas famílias. As políticas públicas devem, portanto, trabalhar para integrar a educação com a realidade rural, promovendo currículos que valorizem o conhecimento local e práticas agrícolas, ao mesmo tempo em que forneçam habilidades para o mercado de trabalho contemporâneo.

Assim, ao abordar o êxodo rural e a evasão escolar no campo, as políticas públicas devem considerar as representações sociais que influenciam essas dinâmicas. A transformação dessas representações, por meio de um conjunto articulado de investimentos em infraestrutura, educação, saúde e comunicação social, é fundamental para promover um

desenvolvimento rural sustentável e uma educação inclusiva e de qualidade. Essa abordagem integrada não só contribui para a fixação da população no campo, mas também para a construção de uma sociedade mais equilibrada e equitativa.

Este estudo contribui para a compreensão das percepções do homem no campo sobre a educação nas escolas no campo. Os resultados destacam a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a educação no campo, promovendo a qualidade do ensino, a valorização da cultura local e o engajamento da comunidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Guilherme José Ferreira et al. Novas tecnologias e educação rural na pandemia da Covid-19: reflexões a partir da região canavieira da Mata Sul de Pernambuco. *Conjecturas*, v. 22, n. 4, p. 424-437, 2022. Disponível em: <<https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/download/1465/1110>> Acesso em 04/06/2024

ARAUJO, Marivânia Conceição. A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. *Revista Hospitalidade*, p. 98-119, 2008. Disponível em: <<https://revhosp.org/hospitalidade/article/download/155/180>>. Acesso 04/06/2024

ARROYO, M. G. Políticas de formação de educadores (as) do campo. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 27, n. 72, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jL4tKcDNvCggFcg6sLYJhwG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso 04/06/2024

ARROYO, Miguel G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Editora Vozes Limitada, 2017.

ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete. MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.) *Por uma educação do campo*. Petrópolis, RJ: Vozes 5ª edição. 1 janeiro 2011.

ARRUDA, Rafael Vinícius; ARAÚJO, Victória. A agricultura familiar e as causas que geram o êxodo rural. *Enciclopédia Biosfera*, v. 16, n. 29, 2019. Disponível em: <<https://www.conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/159/146>>. Acesso 07/06/2024

AZEVEDO, Márcio Adriano; QUEIROZ, Maria Aparecida; SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Escola nova, educação do campo e a política educacional: a experiência do programa escola ativa. *Roteiro*, v. 47, n. 1, p. 27, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/28138/17299>>. Acesso 04/06/2024

CALDART, R. S.. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 7, n. 1, p. 35–64, mar. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000100003>>. Acesso 04/06/2024

CHAMON, E. M. Q. O. A educação do campo: contribuições da teoria das representações sociais. Chamon EMQO, Guareschi PA, Campos PHF. *Textos e debates em representação social*. Porto Alegre: ABRAPSO, p. 107-33, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18QayzzOQLDH23R1VmOQDAf-qpKVsqnMV/view?usp=drive_link>. Acesso 04/06/2024

CHAMON, E. M. Q. O., CHAMON, M.A (Orgs). *Gestão de Organizações Públicas e Privadas*. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira. As dimensões da Educação do Campo. *Educação UFSM*, v. 41, n. 1, p. 183-195, 2016. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v41n1/1984-6444-edufsm-41-1-00183.pdf>>. Acesso 04/06/2024

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. (Publicado pela primeira vez em 1912). Tradutor: Rafael Faraco Benthien e Raquel Andrade Weiss; Editora Edipro. 1ª edição (10 dezembro 2021).

EMBRAPA - Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável do Município de Nova Friburgo: 2020-2023. disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/222952/1/Plano-Municipal-de-Desenvolvimento-Rural-Sustentavel-do-Municipio-de-Nova-Friburgo-2020-2023.pdf>>. Acesso 06/06/2024

ESCOLAS.COM.BR. *Escolas em Nova Friburgo, RJ*. 2024. Disponível em:<<https://escolas.com.br/brasil/rj/nova-friburgo>>. Acesso 09/06/2024

FERNANDES, Bernardo Mançano. Educação do campo e desenvolvimento territorial rural. REVISTA NERA, n. 18, p. 125-135, 2012. Disponível em:

<<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/1348/1336>>. Acesso 04/06/2024

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento social como categoria geográfica. Terra Livre, n. 15, p. 59-86, 2000. Disponível em:

<<https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/361/343>>. Acesso 04/06/2024

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2005. Disponível em: <

<http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/71/fl1301questo-agrria-conflitualidade-e-territorialidade.pdf>>. Acesso 04/06/2024

FERNANDES, F. A Revolução Burguesa no Brasil. 3ª Ed. RJ: Guanabara, 1987.

FERNANDES, F. Anotações sobre o capitalismo agrário e a mudança social no Brasil. In: Vida rural e mudança social. SZMRECSÁNYI, T. & QUEDA, O. (Orgs.). São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVICH, Sandra. Textos em representações sociais. In: Textos em representações sociais. 2009.

GUARESCHI, Pedrinho, AMON, Denise, GUERRA, André. PSICOLOGIA, COMUNICAÇÃO E PÓS-VERDADE. 3ª Edição - Revisada e Ampliada. Porto Alegre, 2019. Disponível em:

<<https://pedrinhoguareschi.com.br/site/wp-content/uploads/2021/03/CTP-MIOLO-PSICOLOGIA-COMUNICACAO-E-POS-VERDADE-2019.pdf>>. Acesso 04/06/2024

HEIN, André Fernando; DA SILVA, Nardel Luiz Soares. A insustentabilidade na agricultura familiar e o êxodo rural contemporâneo. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 27, n. 2, p. 394-417, 2019. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/journal/5999/599962752012/599962752012.pdf>>. Acesso 07/06/2024

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep 2024. Disponível

em:<<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-censo-escolar-2023>>. Acesso 09/06/2024

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). «Nova Friburgo». Cópia arquivada em 22 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20190222230645/https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-friburgo/panorama>>. Acesso 06/06/2024

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Nova Friburgo 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/nova-friburgo.html>>. Acesso 06/06/2024

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Agropecuário 2017, Nova Friburgo. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-friburgo/pesquisa/24/0>>. Acesso 06/06/2024

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). «Nova Friburgo». Cópia arquivada em 12 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20190408160452/https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/teresopolis/panorama>>. Acesso 06/06/2024

JOVCHELOVITCH, S. (2017). Ação comunicativa e a imaginação dialógica. In D. Hook, B. Franks & M. W. Bauer (Orgs.), *A psicologia social da comunicação* (pp. 180-210). Petrópolis: Vozes.

LEITE, S. C. Urbanização do processo escolar rural. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1996.

MÖRSCHBÄCHER, M. Processo de inclusão e educação do campo: desafios da educação básica no contexto das novas tecnologias. *Revista Entreideias*, Salvador, v. 10, n. 3, p. 6-87, set./dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/download/42216/25844>>. Acesso 04/06/2024

MOSCOVICI, S. *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Trad. de Álvaro Cabral. Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social* (PA Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PENSE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019. Rio de Janeiro: IBGE; 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>>. Acesso 07/06/2024

SANTOS, Adalcio Machado; ARALDI, Inês Staub. Reflexões acerca das práticas de letramento em tempos de mídias digitais. Revista de Gestão e Secretariado, v. 14, n. 1, p. 1104-1117, 2023. Disponível em: <<https://revistagesec.org.br/secretariado/article/download/1573/776>>. Acesso 04/06/2024

SANTOS, Ademar Alves dos et al. A aplicação da inteligência artificial (ia) na educação e suas tendências atuais. Cuadernos de Educación y Desarrollo, v. 15, n. 2, p. 1155-1172, 2023. Disponível em: <<https://ojs.europublications.com/ojs/index.php/ced/article/download/1030/954>>. Acesso 04/06/2024

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. Estudos avançados, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, maio/ago. 1988. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>>. Acesso 04/06/2024

SILVA, Ana Cecília Oliveira. Educação no campo e trabalho: um estudo das escolas municipais rurais de Uberlândia-MG. Dissertação de mestrado (Programa de PósGraduação em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13846/1/Diss%20Ana.pdf>>. Acesso 04/06/2024

SILVA, Angela Maria, Edivaldo B. de Almeida Filho, and Sátilla Menezes Aires. "ANALISE PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO RURAL E AS RUPTURAS COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO." Revista Extensão 6.2 (2022): 16-25. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/download/6572/4530>>. Acesso 04/06/2024

SILVA, Sílvio Domingos Mendes; RODRIGUES, Denize Massimo. O PAPEL DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA ESCOLA PARA A SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOS JOVENS RESIDENTES NA ÁREA RURAL DE

MAJOR VIEIRA/SC/BRASIL. Sobre Tudo, v. 13, n. 1, p. 19-53, 2022. Disponível em: <<https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sobretudo/article/view/5019>>. Acesso 04/06/2024

SILVA, Wagner Rodrigues et al. Ciências nas licenciaturas? Linguagem, Catalão, v. 22, n. 1, p. 83-108, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/lep.v22i1.54461>>. Acesso em: 30/05/2023

SILVA, Wagner Rodrigues. Educação científica como estratégia pedagógica para formação de professoras. Veredas, Juiz de Fora, v. 2, n. 23, p. 144-161, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/1982-2243.2019.v23.29504>>. Acesso 04/06/2024

YOUNG, Michael. "Teoria do currículo: o que é e por que é importante." Cadernos de pesquisa 44 (2014): 190-202. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/cp/a/4fCwLLQy4CkhWHNCmhVhYQd/?lang=pt>>. Acesso 30/05/2024